

Sur le journalisme – About Journalism – Sobre jornalismo
Revista internacional em acesso aberto com comitê de leitura,
publicada em versão digital e impressa
<https://revue.surlejournalisme.com/>

Chamada de artigos

Formar para os jornalismo:
desafios atuais, inovações e reinvenções em contextos

Data limite para envio dos artigos: 15 de abril de 2025

Editores do número especial:

Sophie Dubec, Université Sorbonne Nouvelle, França
Camila Moreira Cesar, Université Sorbonne Nouvelle, França
Jayson Harsin, American University of Paris, França

Este número se interessa pelas transformações das formações em jornalismo em um contexto de mudanças sociais, econômicas, políticas, culturais e tecnológicas (Pavlik *et al.*, 2020). Ao privilegiar uma abertura internacional e uma perspectiva crítica dos estudos em jornalismo, este dossiê visa analisar o papel das formações na estruturação de modelos jornalísticos plurais, assim como na reinvenção das representações e práticas profissionais existentes.

No âmbito da literatura especializada, muitos trabalhos expõem os problemas do jornalismo ocidental e as incertezas relacionadas à sua imposição como modelo ideal, principalmente no que diz respeito à sua estreita relação com a democracia – uma perspectiva às vezes considerada uma visão simplista do jornalismo (Zelizer, 2013). Outros destacam a necessidade de repensar profundamente as definições, normas e valores historicamente associados à atividade e à cultura jornalística (Hanitzsch *et al.*, 2019), dado que suas traduções concretas se revelam muito mais complexas e diversas do que sugerem determinadas concepções difundidas como universais, mesmo que existam modelos transnacionais (Le Cam & Pereira, 2022). Essas questões são essenciais para serem abordadas no âmbito dos cursos de jornalismo. Diversas pesquisas enfatizam sobretudo a necessidade de desocidentalizar os estudos em jornalismo, defendendo leituras decoloniais e pós-coloniais capazes de refletir a pluralidade dos “jornalisms” existentes (Hanitzsch *et al.*, 2019; Mutsvairo *et al.*, 2023).

Outras críticas emergem em meio às lutas feministas, antiracistas e étnicas que, desde o fim dos anos 1970, têm reativado continuamente o debate sobre a capacidade dos jornalistas de narrar o mundo de maneira mais justa. Ao reconhecer os efeitos de dominação que podem ser produzidos e transmitidos pelo jornalismo no tratamento da informação, algumas autoras e autores defendem a adoção de modelos teóricos e práticos mais inclusivos (Zelizer, 2017; Mitchelstein & Boczkowski, 2021; Glück, 2018; Mohammed, 2021) e sugerem repensar elementos-chave do trabalho jornalístico, como a relação com as fontes, as normas profissionais mobilizadas pelos jornalistas e seu conhecimento sobre os públicos (Zelizer, Boczkowski et Anderson, 2021).

A literatura acadêmica sobre a formação em jornalismo é, no entanto, atravessada por diversos questionamentos. Uma parte das pesquisas insiste sobre a importância da profissionalização (Donbush, 2014) e da necessidade de formar novas turmas de estudantes capazes de se adaptar às inovações tecnológicas e às transformações do mercado de trabalho. Nos Estados Unidos, por exemplo, essa visão se traduz pela adoção do “teaching hospital” (Creech & Mendelson, 2015), um modelo que associa teoria e prática, e pelo desenvolvimento de um modelo de “jornalismo

empreendedor” (Mensing & Ryle, 2013). Outras contribuições defendem uma abordagem mais radical para as formações, com o objetivo de reformar a prática jornalística (Anderson, 2014; Solkin, 2022) e explorar as oportunidades oferecidas por perspectivas metodológicas, teóricas e epistemológicas alternativas às do modelo ocidental dominante (Mutsvauro et al., 2023).

Este dossiê busca questionar as adaptações e transformações, tanto das formações quanto dos estudantes, frente às críticas, ocidentais e extra-ocidentais, do modelo jornalístico hegemônico. A abordagem comparativa internacional adotada apresenta, assim, um duplo objetivo. Por um lado, busca revelar os aspectos culturais e históricos dos modelos jornalísticos nacionais, contribuindo para a literatura em torno do jornalismo comparado (Mellado, 2021; Hanitzsch et al., 2019; Mutsvauro, Bebawi, & Borges-Rey, 2023; Solkin, 2022). Por outro lado, convida as autoras e autores a propor novas teorizações sobre a formação em jornalismo, além de colocar em perspectiva as diferentes abordagens relativas aos cursos de jornalismo e visões da profissão que eles privilegiam em diferentes países.

As contribuições poderão se concentrar nas formações em jornalismo em um país específico ou privilegiar a comparação entre diferentes situações nacionais. Elas deverão se encaixar em pelo menos um dos três eixos temáticos apresentados abaixo, a título indicativo.

Eixo 1: Que visão normativa do jornalismo?

As propostas deste eixo questionarão as visões normativas do jornalismo difundidas pelas formações. A profissão de jornalista, embora difícil de definir, é frequentemente descrita como um “profissionalismo *flow*” (Ruellan, 1992), sempre em crise, marcada por uma ideologia profissional auto-legitimadora (Deuze, 2004). Apesar dessas incertezas, os cursos de jornalismo devem abordar as missões da profissão para evitar uma simples reprodução das práticas existentes ou uma adaptação às novas normas tecnológicas ou políticas. Frequentemente em desacordo com as práticas profissionais (Mellado, 2021), as expectativas em relação aos futuros jornalistas são, elas mesmas, mutáveis, geograficamente situadas e sujeitas a transformações. As propostas deste eixo examinarão como redefinir as missões jornalísticas diante desses movimentos contra-hegemônicos, sem, no entanto, defender um modelo único, que tende a favorecer os pontos de vista dominantes (Banda, 2007). Elas também poderão estudar os princípios fundamentais que podem orientar a formação internacional em jornalismo, sem prolongar as relações de poder colonialistas remanescentes e as suposições de que os modelos tradicionais do jornalismo (e da política) ocidentais são intrinsecamente a norma à qual todos deveriam aspirar (Aujla-Sidhu, 2022; Zelizer, Boczkowski & Anderson, 2021; Glück, 2018; Garissi & Kuang, 2022). As contribuições que questionam a natureza e o papel das experiências profissionais na apropriação e aprendizagem concreta de tais normas pelos estudantes e em seus caminhos de inserção no mercado de trabalho serão especialmente bem-vindas.

Eixo 2: Repensar as práticas profissionais do jornalismo

Este eixo convida a questionar as formas pelas quais os cursos de jornalismo transmitem normas profissionais aos futuros jornalistas. Nas democracias liberais, por exemplo, a objetividade e a neutralidade constituem valores dominantes (Le Bohec, 2000; Schudson, 2001), mas que frequentemente levam a adotar de maneira natural o ponto de vista hegemônico (Gans, 1979). Em tais países, essa questão foi reavivada após eventos como o assassinato de George Floyd (Schmidt, 2024), os encontros nacionalistas (Perreault, Brett & Klein, 2020) e o ressurgimento dos populismos de extrema direita (Pickard, 2018; Brown & Mondo, 2021). Além disso, o uso sistemático de fontes institucionais levanta questões sobre a ausência de pluralismo, considerando-as como fonte portadoras de uma fala “neutra” (Hall et al., 1978). Essas problemáticas assumem

outras dimensões em regimes autoritários, onde a deontologia e as práticas profissionais dos jornalistas são moldadas em torno de sistemas de valores coercitivos que atualizam as regras do jornalismo e afetam o próprio contexto educacional da profissão (Garrisi et Huang, 2022). As propostas inseridas neste eixo poderão explorar como as formações adaptam as normas profissionais diante das dinâmicas conflituais do espaço público, especialmente no que tange à objetividade e à ética jornalística, e tentam atualizar essas normas. Elas também poderão questionar o papel das parcerias com empresas midiáticas no âmbito das formações, bem como as maneiras pelas quais estas integram a crítica do jornalismo em seus currículos. As contribuições poderão ainda explorar os desafios enfrentados pelas formações, assim como as oportunidades que elas encontram para ensinar o jornalismo em contextos desafiadores.

Eixo 3: Rumo a novas abordagens pedagógicas?

As formações em jornalismo são influenciadas por fatores socioeconômicos e culturais específicos que estruturam a profissão em cada país. A natureza pública ou privada das instituições de ensino, o perfil dos formadores e os vínculos com os meios de comunicação moldam a socialização dos estudantes. As contribuições deste eixo tratarão dessas questões, bem como da maneira como os cursos de jornalismo ajustam seus programas e abordagem a perfis mais diversificado de estudantes. Alguns estudos defendem a ampliação dos programas para sensibilizar às desigualdades sistemáticas (Gurvinder, 2022), enquanto outros advogam por uma reforma mais profunda dos métodos de ensino do jornalismo, destacando a importância de desocidentalizar o aprendizado (Mutsvairo *et al.*, 2023) e de integrar perspectivas feministas e interseccionais (Steiner, 2018; Rodny-Gumede *et al.*, 2022; Rodriguez, 2022). Além de reconhecer a diversidade dos “jornalisms” possíveis, essas iniciativas fazem parte de um movimento mais amplo que visa reconectar o ensino do jornalismo com as ciências humanas e sociais, apresentando-as como uma “caixa de ferramentas” (Hermann, 2015). As propostas inseridas neste eixo poderão abordar projetos pedagógicos inovadores, experiências de ensino do jornalismo ou ainda estudos sobre os currículos dos cursos de jornalismo. Contribuições que tratem das novas expectativas profissionais dos estudantes, bem como de seus ideais de jornalismo serão particularmente bem-vindas.

Os artigos deverão ser submetidos em sua versão completa (entre 30 000 e 50 000 caracteres, incluindo as notas de rodapé e referências bibliográficas) até o dia **15 de abril de 2025** diretamente via o site da revista: <https://revue.surlejournalisme.com/slj/about/submissions>. As autoras e autores encontrarão nesta mesma página as precisões relativas às normas editoriais para a redação dos textos.

Os artigos podem ser redigidos em inglês, francês, português ou espanhol. Eles serão submetidos a uma dupla avaliação cega pelos pares.

About journalism – Sur le journalisme – Sobre jornalismo é uma revista indexada nas seguintes bases de dados universitárias: EBSCO Communication Source collection, Archive ouverte en Sciences de l'Homme et de la Société (HAL-SHS), DOAJ, EZB (Elektronische Zeitschriftenbibliothek), Mir@bel, Sudoc, Sumários.Org, WorldCat (OCLC), European Reference Index for the Humanities and the Social Sciences (ERIH PLUS). Sobre o jornalismo é classificada como revista qualificada na França (conforme o index do HCERES). Qualis-CAPES no Brasil (avaliação 2017-2020): A3

Referências

- Anderson, C. W. (2014). The sociology of the professions and the problem of journalism education. *Radical Teacher*, 99, 62.
- Aujla-Sidhu, G. (2022). Decolonizing journalism education to create civic and responsible journalists in the West. *Journalism Studies*, 23(13), 1638-1653.
- Banda, F., Beukes-Amiss, C. M., Bosch, T., & al. (2007). Contextualising journalism education and training in Southern Africa. *Ecquid Novi*, 28(1-2), 156-175.
- Brown, K., & Mondon, A. (2021). Populism, the media, and the mainstreaming of the far right: The Guardian's coverage of populism as a case study. *Politics*, 41(3), 279-295.
- Creech, B., & Mendelson, A. L. (2015). Imagining the journalist of the future: Technological visions of journalism education and newswork. *The Communication Review*, 18(2), 142-165.
- Deuze, M., Neuberger, C., & Paulussen, S. (2004). Journalism education and online journalists in Belgium, Germany, and The Netherlands. *Journalism Studies*, 5(1), 19-29.
- Donsbach, W. (2014). Journalism as the new knowledge profession and consequences for journalism education. *Journalism*, 15(6), 661-677.
- Gans, H. J. (1979). *Deciding what's news*. New York, NY: Pantheon.
- Garrisi, D., & Kuang, X. (Eds.). (2022). *Journalism pedagogy in transitional countries*. Springer Nature.
- Glück, J. (2018). *Capital News Service-Data journalism talk*.
- Gurvinder, A.-S. (2022). Decolonizing journalism education to create civic and responsible journalists in the West. *Journalism Studies*, 23(13), 1638-1653.
- Hall, S., Critcher, C., Jefferson, T., Clarke, J., & Roberts, B. (1978). *Policing the crisis: Mugging, the state, and law and order*. London: Macmillan.
- Hanitzsch, T., Hanusch, F., Ramaprasad, J., & De Beer, A. (Eds.). (2019). *Worlds of journalism: Journalistic cultures around the globe*. Columbia University Press.
- Hermann, A. K. (2017). J-school ethnography: Mending the gap between the academy and journalism training? *Journalism Studies*, 18(2), 228-246.
- Laclau, E., & Mouffe, C. (2009 [1985]). *Hégémonie et stratégie socialiste. Vers une politique démocratique radicale* (trad. J. Abriel). Besançon: Les Solitaires Intempestifs.
- Le Bohec, J. (2000). *Les mythes professionnels des journalistes français*. Paris: L'Harmattan.
- Le Cam, F., & Pereira, F. H. (2022). *Un journalisme en ligne mondialisé: socio-histoire comparative*. Presses Universitaires de Rennes.
- Mellado, C. (Ed.). (2020). *Beyond journalistic norms: Role performance and news in comparative perspective*. Routledge.
- Mensing, D., & Ryfe, D. (2013). Blueprint for change: From the teaching hospital to the entrepreneurial model of journalism education. *ISOJ The Official Research Journal of the International Symposium on Online Journalism*, 3(2), 26-44.
- Mitchelstein, E., & Boczkowski, P. J. (2021). What a special issue on Latin America teaches us about some key limitations in the field of digital journalism. *Digital Journalism*, 9(2), 130-135.
- Mutsvairo, B., Bebawi, S., & Borges-Rey, E. (Eds.). (2023). *The Routledge Companion to Journalism in the Global South* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003298144>

- Pavlik, J. V., Alsaad, A. A., & Laufer, P. (2020). Speaking truth to power: Core principles for advancing international journalism education. *Journalism & Mass Communication Educator*, 75(4), 392-406. <https://doi.org/10.1177/1077695820946241>
- Perreault, G., Johnson, B., & Klein, L. (2022). Covering hate: Field theory and journalistic role conception in reporting on White nationalist rallies. *Journalism Practice*, 16(6), 1117-1133.
- Pickard, V. (2018). When commercialism trumps democracy: Media pathologies and the rise of the misinformation society. In P. Boczkowski & Z. Papacharissi (Eds.), *Trump and the media* (pp. 195-201). MIT Press.
- Rodny-Gumede, Y. (2022). The triple oppressions: Race, class and gender in South African journalism. In *Women Journalists in South Africa: Democracy in the Age of Social Media* (pp. 15-29). Cham: Springer International Publishing.
- Rodriguez, N. S. (2022). Empowering students through intersectional critical communication pedagogy. *Teaching Journalism & Mass Communication*, 12(1), 36-45.
- Ruellan, D. (1992). *Le professionnalisme du flou: Contribution à une sociologie des journalistes*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Schmidt, T. R. (2024). Challenging journalistic objectivity: How journalists of color call for a reckoning. *Journalism*, 25(3), 547-564. <https://doi.org/10.1177/14648849231160997>
- Schudson, M. (2001). The objectivity norm in American journalism. *Journalism*, 2(2), 149-170. <https://doi.org/10.1177/146488490100200201>
- Solkin, L. (2022). Journalism education in the 21st century: A thematic analysis of the research literature. *Journalism*, 23(2), 444-460.
- Steiner, L. (2018). Solving journalism's post-truth crisis with feminist standpoint epistemology. *Journalism Studies*, 19(13), 1854-1865.
- Zelizer, B. (2013). On the shelf life of democracy in journalism scholarship. *Journalism*, 14(4), 459-473.
- Zelizer, B. (2017). *What journalism could be*. John Wiley & Sons.
- Zelizer, B., Boczkowski, P. J., & Anderson, C. W. (2021). *The journalism manifesto*. Polity.